



TJALARA DRAPER

QUAL A COR DO  
SEU SANGUE?

METAMORFOS CELESTIAIS - LIVRO 1

FRAGMENTOS  
DE  
VÊNUS

TRADUÇÃO DE  
NAIARA M. FLORIANO



Author's Copyright © 2022 by Tjalara Draper

Translator's Copyright © 2022 by Naiara M. Floriano

Translation Services Copyright © 2022 by Tektime

All rights reserved.

No part of this book may be reproduced in any physical form or by any electronic or mechanical means, including information storage and retrieval systems, without written permission from the author, except for the use of brief quotations in a book review.

This is a work of fiction. Names, places, events and incidents are either the products of the author's imagination or used fictionally. Any resemblance to actual persons, living or dead, is purely coincidental.

**[www.tjalaradraper.com](http://www.tjalaradraper.com)**

Edited by: Kirstin Andrews

Cover design by: Tjalara Draper Creative

Chapter heading designs by: Tjalara Draper Creative



Created with Vellum

## CONTENTS

1. CAPÍTULO 1  
*Deixando Para Trás*
2. CAPÍTULO 2  
*Paladar Agredido*
3. CAPÍTULO 3  
*Rosa Estúpida*
4. CAPÍTULO 4  
*Fadas Raivosas*
5. CAPÍTULO 5  
*Aí Está Você*
6. CAPÍTULO 6  
*Aquele Lustre*
7. CAPÍTULO 7  
*O Que Você Quer, Loirinha?*
8. CAPÍTULO 8  
*Sorriso de Tubarão*
9. CAPÍTULO 9  
*Mãos De Psicopatas Mortais*
10. CAPÍTULO 10  
*Canela e Sal*
11. CAPÍTULO 11  
*Chega de Loucuras Psicóticas*
12. CAPÍTULO 12  
*Faca de Carne Barata*
13. CAPÍTULO 13  
*Manual Para Cavalheiros*
14. CAPÍTULO 14  
*Afrodite*
15. CAPÍTULO 15  
*Ávida Pelo Título de “Louca”*
16. CAPÍTULO 16  
*Prefiro Ser Uma Pinhata*
17. CAPÍTULO 17  
*Árvores Dançantes*
18. CAPÍTULO 18  
*Covinhas de Vênus*
19. CAPÍTULO 19  
*Sangue, Alento e... Ossos?*



20. CAPÍTULO 20

*Eu Sou Muito Assediável*

21. CAPÍTULO 21

*Lascas De Vidro*

22. CAPÍTULO 22

*Não Fique Com Raiva, Está Bem?*

23. CAPÍTULO 23

*Jogos Doentios*

24. CAPÍTULO 24

*Venha Para Mim, Reptante*

25. CAPÍTULO 25

*Diamante Manchado Com Sangue*

26. CAPÍTULO 26

*Seh'Vuthi*

27. CAPÍTULO 27

*Arroz Temperado*

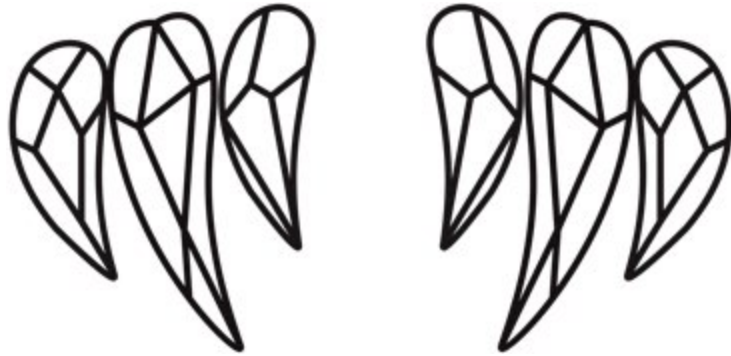
EPILOGO

AGRADECIMENTOS

SOBRE A AUTORA

## CAPÍTULO 1

### DEIXANDO PARA TRÁS



Nathan Delano vagou pela sombria sala de estar da cabana, observando seus passos com cautela. As luzes da polícia lampejaram extravagantemente nas inúmeras poças e manchas escarlates, à medida que ele cumprimentava cada erathi uniformizado por qual passava.

*Humanos*, lembrou a si mesmo, meneando a cabeça. Mesmo depois de todos esses anos, a palavra *erathi* ainda vinha primeiro à sua mente.

A Detetive Judith Walker usava luvas para inspecionar o pesado dispositivo de trava da porta de um dos quartos. Quando percebeu que ele se aproximava, acenou.

— Oi, Jude — ele disse, mais uma vez varrendo a sala com o olhar. — Qual é a situação?

— Olá, Delano. — Ela arrancou as luvas com um estalido e apontou para um saco de cadáver preto que estava sendo fechado por um paramédico. — Uma adolescente morta.

— Sabemos quem é?

— Sim. É a garota Branstone, que estava desaparecida. — Jude entregou seu celular a ele. — Aqui, dê uma olhada. Tirei essas quando cheguei.

Nathan deslizou pelas fotografias que Jude fez, reconhecendo imediatamente a vítima loura, Lyla-Rose Branstone. Em um terrível contraste com o largo sorriso da foto do anuário, na ficha do caso, seus olhos estavam abertos e vidrados. Quatro fendas horríveis foram talhadas na lateral de sua cabeça, indo de trás da orelha até o seu queixo. A própria orelha estava cortada em vários pontos.

— Veja isso. — Jude esticou a mão sobre ele para ampliar o local entre o pescoço e o ombro da vítima. — Se eu não soubesse das coisas, teria pensado que isso era algum tipo de marca de mordida estranha.

Seis perfurações ensanguentadas formavam um arco incompleto com uma lacuna no topo, situadas logo abaixo da clavícula esquerda de Lyla. As duas marcas internas eram as menores, enquanto as do meio eram da espessura de uma caneta esferográfica.

O peito de Nathan se comprimiu. *Não. Aqui não. Não em Brookhaven.* Somente uma espécie produzia aquela distinta marca de mordida: sua própria raça, os veniri.

E ele passara os últimos quinze anos escondendo-se deles.

— Encontraram alguma arma? — Nathan perguntou, esperando que Jude não tivesse percebido a mudança de assunto.

Ela balançou a cabeça.

— Nada. Pelo menos, ainda não. Um veículo abandonado foi localizado no final da estrada. Enviei um agente para dar uma olhada. Ainda tenho que verificar as imediações por mim mesma.

Nathan assentiu e devolveu o telefone.

— E as testemunhas?

— O proprietário desta cabana mora mais abaixo da colina. Ele e sua esposa estavam indo para a cama quando ouviram gritos vindos desta direção. Ele veio averiguar e ligou para o nove-um-um logo depois de encontrar a vítima.

Um músculo se contraiu no maxilar de Nathan.

— Ele viu mais alguma coisa? Talvez um relance de quem fez isso?

Ela negou.

— Quem quer que estivesse aqui já tinha ido embora quando ele... — Uma melodia, vinda do telefone de Jude, a interrompeu. — É uma das minhas filhas — ela falou, olhando para a tela. Deu a Nathan um olhar de desculpas.

Ele fez um gesto para ela atender.

— Eu cuido disso.

— Obrigada, Nathan. — Ela afagou seu ombro, antes de rapidamente aceitar a ligação e seguir direto para a saída. — Oi, docinho...?

Enquanto os dois paramédicos com o saco de cadáver a seguiam, Nathan virou-se para a sala. Hora de começar a trabalhar.

O casebre pitoresco tinha, possivelmente, várias gerações de idade, provavelmente construído por um dos ancestrais do proprietário. Tapetes de malha e de retalhos adicionavam um toque acolhedor, ou pelo menos teriam, se não estivessem amarrotados por entre os móveis descascados. Um suporte de arma decorativo estava montado em uma das paredes de madeira expostas, juntamente com uma coleção de cabeças de animais em placas: cervos, raposas, um urso, uma zebra e um tigre. Nathan nunca entendera o desejo humano por troféus, a necessidade de exibir os pedaços e peças de seus alvos com orgulho.

Com deliberada precisão, escolheu seu caminho através do caos, absorvendo os detalhes de cada sulco, respingo e mancha de sangue e, periodicamente, tirando algumas fotos. Suas botas faziam ruído no piso de madeira a cada passo que dava. Quando chegou na porta dos fundos, que estava escancarada, uma rajada de vento gelado mordeu seu rosto e pescoço, e ele levantou a gola e apertou seu casaco. Espreitando a escuridão, Nathan puxou uma profunda lufada do ar frio da noite.

Um comichão familiar rastejou para baixo de sua língua.

Olhou para trás, assegurando-se de que nenhum dos oficiais restantes estavam prestando atenção. O comichão se transformou em um feroz formigamento à medida que ele deixava a transformação simples tomar seu curso.

Em questão de segundos, uma língua bifurcada disparou por entre os lábios dele como um chicote e, então, tremulou de volta para dentro de sua boca. Ele avaliou os aromas e sabores noturnos, o buquê de fragrâncias remanescentes das atividades daquela noite.

A habilidade dos veniri de farejar a essência de uma pessoa, ou a fragrância de sua alma, era algo com que Nathan fortemente contava em seu trabalho erathi, como detetive. Deduzir os mecanismos internos da cena de um crime era muito mais fácil quando podia farejar as intenções e emoções residuais do momento. Mas com todos os policiais extras, paramédicos e civis vagueando pelo local durante a última hora, dessa vez ele precisaria de mais do que apenas sua língua para isolar a informação de que precisava.

Ele analisou as estrelas. Eram quase espantosamente luminosas, mas nenhuma delas era mais brilhante do que Vênus, cintilando logo à frente, recortada contra os galhos da árvore. Nathan fechou os olhos e respirou fundo, aquecendo-se nos raios venusianos.

Por trás de suas pálpebras fechadas, finas membranas deslizaram sobre ambos os olhos. Quando piscou e os abriu novamente, o cenário diante de si ainda estava banhado em escuridão — até ele fustigar sua língua bífida. Desta vez, os rastros de alma iluminaram-se como tentáculos de fumaça, feixes reluzentes contra a escuridão da noite. Cada um reluzia uma nuance diferente do arco-íris, conduzindo para além da floresta.

Resíduos de folhas crepitaram e foram triturados debaixo de seus pés quando ele saiu do casebre. Os rastros começavam a desvanecer, mas pulsaram de volta à vida com outro movimento de sua língua. Em toda amostra de ar, ele processava os sabores impregnados em cada rastro de alma, reunindo informações valiosas.



Após alguns instantes de caminhada, suas botas bateram em alguma coisa. Ele deslizou suas membranas nictitantes para trás dos olhos e puxou sua lanterna. Os raios incandescentes revelaram um homem de moletom e calça jeans caído de costas. Perto dele, a cerca de trinta centímetros de distância, outra pessoa jazia estendida no chão — uma adolescente. Manchas de um vermelho profundo salpicavam suas roupas.

Quando os raios da lanterna iluminaram seu rosto, ele sussurrou um palavrão. Outra garota de um dos seus casos. *Violet Chambers, 16 anos de idade. Tutores legais: Norman e Connie Hopkins. Endereço: Rua Daisy Crescent, número 42. Desaparecida. Vista por último por volta das 23:15 horas, na quinta-feira, 18 de julho.*

O cabelo castanho-escuro estava emaranhado com sangue, sujeira e folhas. Comparada com a foto, suas feições estavam vazias. Cortes e hematomas enlameados cobriam a maior parte do seu rosto e o olho direito estava quase imperceptível, devido ao inchaço que o envolvia.

Nathan baixou a cabeça, cobrindo seu rosto com as mãos e massageando exaustivamente as têmporas. Depois de respirar fundo algumas vezes, ele estendeu a mão até o pescoço dela, em busca de uma pulsação.

Uma batida tênue pulsou contra seus dedos.



Nathan rapidamente refez seus passos de volta ao casebre, tomando cuidado para evitar encontrões na jovem em seus braços. Violet soltou um gemido baixo.

— Agente firme — ele disse. — Estamos quase lá.

Ele irrompeu pela porta dos fundos e atravessou o cômodo em direção à porta da frente.

— Preciso de um paramédico!

A atenção de Jude passou para ele imediatamente. Ela ofegou, os olhos arregalados e, em seguida, bradou algumas ordens. Em segundos, dois paramédicos trouxeram uma maca. Nathan colocou seu pacote e deu um passo para trás, dando espaço aos paramédicos para executarem seu turbilhão de procedimentos coreografados.

Os próximos instantes foram um borrão, à medida que ele relatava a Jude o que tinha encontrado, deixando de fora a descoberta do segundo corpo. Esclareceu tudo apressadamente, pois precisava limpar logo aquela bagunça — antes que alguém encontrasse e começasse a fazer perguntas. Principalmente Jude.

Sua mandíbula tensionou enquanto a estudava. O queixo estava apoiado em uma das mãos, em sua característica pose reflexiva. Quase podia enxergar suas engrenagens mentais dividindo e analisando os novos pedaços de evidências que ele havia fornecido. Sua inteligência e intuição sempre o impressionaram; era isso que fazia dela uma ótima policial. E também era isso que o fazia trabalhar dobrado para mantê-la no escuro. Ela nunca poderia descobrir quem foi o responsável por esta confusão infernal. Sua vida estaria em perigo, sem mencionar a dele próprio.

Riu consigo. A quem estava enganando? Sua vida já estava em risco há anos.

Seu sopro zombeteiro rompeu o estupor de Jude. Ela sacudiu a cabeça e direcionou sua atenção para ele.

— Desculpe por me distrair. Só estava pensando.

Ele lhe deu um sorriso, mas não respondeu.

— Aqui. — Ela alcançou o carro em que Nathan estava apoiado e puxou uma garrafa térmica vermelha. — Beba um pouco de café. Talvez ainda esteja quente.

Ele tomou um gole, encolheu-se e se forçou a engolir o líquido morno e amargo.

— Credo, talvez com um pouco de açúcar na próxima. — Limpou sua boca com a manga.

— Não temos tempo para o açúcar — disse Jude, sorvendo um longo gole da garrafa.

Por sobre o ombro dela, Nathan percebeu que um dos paramédicos gesticulava para eles.

— Acabou a pausa para o café. Estamos sendo convocados.

Se dirigiram até a ambulância e Nathan cumprimentou o paramédico que estava ao lado da maca com um aceno.

— Como está a vítima?

— Ela está consciente e estável, por enquanto. Demos a ela uma dose de morfina, para ajudar com a dor, até que possamos levá-la para o hospital.

Nathan assentiu.

— Se importa se eu fizer a ela algumas perguntas?

O paramédico deu de ombros.

— Você pode tentar. Pode ser que consiga obter algo dela, mas talvez não muito esta noite.

Nathan se aproximou da garota.

— Como você está, menina? Está bem aquecida?

Ela olhou para ele com os olhos enormes e vidrados.

— Seu nome é Violet, não é?

Após alguma hesitação e um ligeiro olhar para Jude, ela concordou com a cabeça.

— Violet, consegue me falar o que aconteceu?

Nenhuma resposta.

— Consegue nos dizer quem fez isso com você? — Jude perguntou.

O estômago de Nathan revirou com a pergunta. A fisionomia de Violet ficou distante. Por fim, ela meneou sua cabeça e desviou o olhar.

Nathan se acalmou.

— Está tudo bem, Violet. Você está segura.

Uma de suas mãos apertava a parte de cima da manta térmica prateada. Havia sangue seco debaixo das suas unhas e metade da unha de seu dedo indicador tinha sido plenamente arrancada. As articulações estavam raladas e ensanguentadas. O que quer que tenha acontecido com essa garota, ela certamente lutara muito para se defender.

A mente de Nathan disparou, imaginando os horrores que ela deve ter enfrentado, enquanto gritava e implorava ao seu agressor para parar. Uma raiva ardente ferveu no fundo do seu estômago. Seus cotovelos começaram a queimar, à medida que os gritos em sua mente ficavam mais e mais altos. Uma sensação de corte substituiu a queimação em seus cotovelos e ele sentiu as mangas do seu casaco começarem a rasgar. Precisava retomar o controle de si mesmo, *rápido*.

Mas o rosto feminino que gritava em sua mente não era mais o de Violet. Transformara-se na...

*Pare!* Nathan fechou seus olhos e virou o rosto para longe de Violet. Respirou profundamente, forçando-se a se acalmar até que as lâminas em seus cotovelos se fundissem novamente em sua carne.

Voltou-se novamente para a garota.

— Violet...

— Ele tinha uma tatuagem — ela falou, com uma voz estridente.

O choque o dominou. Os olhos azul-cinzentos capturaram os dele, com uma repentina e acentuada intensidade.

— Uma tatuagem? Que tipo de tatuagem? — Jude interrogou, puxando seu celular.

As próximas palavras de Violet foram lentas e ponderadas.

— Ele tinha uma tatuagem de um escorpião de cristal, bem aqui. — Ela apontou para a lateral do seu pescoço.

Nathan franziu o cenho e coçou a cabeça.

— Tem certeza? — Jude perguntou, tomando mais anotações em seu telefone.

Violet assentiu.

— Ele era seu amigo? — indagou Jude.

— Eu... — Ela torceu o rosto, pressionando os olhos cerrados. Depois de alguns segundos, soltou um soluço silencioso. — Eu... não... não consigo me lembrar.

— Está tudo bem — Jude disse delicadamente.

Violet virou-se para Nathan, uma lágrima rolando por sua bochecha inchada.

— Eu não sei quem ele é — sussurrou.

— Está tudo bem, Violet. — Ele deu uma leve palmadinha em seu ombro.

A película prateada amassou-se à medida que ela agarrava a manta térmica com as duas mãos, todo o seu corpo tremendo com o choro silencioso. As lágrimas esculpam trilhas limpas através do sangue e da sujeira em seu rosto.

— É o bastante por hoje — falou o paramédico. — Já a deixamos aqui por tempo demais. Devemos levá-la ao hospital.

Nathan e Jude se afastaram, enquanto Violet era levada para a parte de trás da ambulância. As luzes dos faróis acenderam-se e o motor ganhou vida.

Jude soltou um suspiro pesado.

— Imagino que devemos continuar com os procedimentos no local onde você encontrou... — Outra vez, o toque do telefone a cortou. Ela verificou seu relógio de pulso e estalou a língua. — É a minha filha de novo. Ela esteve bem doente, e com os turnos longos que tenho feito, ultimamente...

— Está tudo bem, Jude. Se precisa voltar para casa, apenas vá.

Jude franziu os lábios.

— Na verdade, eu não deveria.

— Sim, deveria. Suas filhas precisam de você. — Ele afagou seu ombro. — Está aqui há mais tempo do que eu, de qualquer forma. Eu vou

lidar com essa bagunça.

Ela hesitou.

— Tem certeza de que você não se importa?

— Nem um pouco. — Ele a conduziu até seu carro. — Vá para casa e dê um beijo de boa noite nas suas filhas.

Jude ofereceu a ele um sorriso cansado e endireitou um pouco seu corpo, como se um fardo pesado tivesse sido retirado de seus ombros.

— Obrigada, Nathan. Sempre posso contar com você.

Duas horas depois, Nathan estava ao lado do seu carro vendo a última viatura distanciar-se do local. Assim que os faróis afundaram na noite, ele passou por baixo da fita policial e caminhou de volta para a cabana.

Estava na hora de encerrar essa investigação.

Por mais que odiasse alterar as evidências, os casos envolvendo metamorfos eram melhor serem deixados para trás. O que Jude não sabia, não poderia manter ela e suas filhas acordadas à noite.

Ele precisava se livrar do segundo corpo, mas primeiro, tinha mais uma coisa que precisava fazer. Violet havia se lembrado de uma tatuagem e, se ela a visse outra vez, todo o inferno se libertaria.

O vento chicoteava ao seu redor, enquanto apertava os olhos para a escuridão da cabana. Nada. Piscando, ele ergueu o rosto para o céu e, como antes, procurou Vênus. A radiante estrela vespertina cantava para ele, em uma melodia suave que somente ele conseguia ouvir, e seu corpo reagiu, as pálpebras internas contemplando a existência uma vez mais.

Ele atçou sua língua e a escuridão inundou-se com coloridas brumas fosforescentes, cada nuance do brilhante arco-íris aceso com seu próprio conjunto de sabores. A luz etérea começou a desvanecer, mas, com outro movimento, pulsou de volta à claridade vívida.



Como um cão de caça ele seguia os rastros, virando para a esquerda ou direita de acordo com o impulso de sua língua bifurcada. Mas diferente de um farejador, no lugar de odores, ele seguia emoções e intenções, desejos e interesses, a mistura única que compõe a alma de um ser vivo.

Aos poucos, neutralizou a conhecida essência de Jude e dos outros oficiais e paramédicos, reduzindo o arco-íris para menos cores. Isolou rapidamente a essência de Violet, bem como a da garota morta, e também as neutralizou. Somente alguns rastros permaneceram.

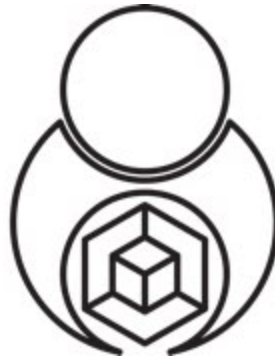
Ele convocou sua energia venusiana interior e, como uma lufada de névoa no inverno, expeliu parte dela sobre os rastros restantes, iluminando-os e aprimorando-os contra a escuridão. Nuvens de luz sutis se reuniram em várias áreas. Eram ecos de momentos passados — capturas instantâneas da emoção mais forte do alvo. Com outra lufada de energia venusiana, canalizou sua atenção nesses pontos até os rostos nublados entrarem em foco. Inspecionou cada um deles, até encontrar o que estava procurando.

Nathan soltou um suspiro carregado. Bem ali, no eco vaporoso do pescoço do homem, estava uma tatuagem de um escorpião de cristal.

Ignorando suas emoções crescentes, Nathan continuou a seguir o rastro de volta para a noite.

## CAPÍTULO 2

### PALADAR AGREDIDO



Violet despertou; alguém havia se apoderado do seu braço. Memórias claras de seu sequestro passaram por sua mente, e ela o puxou de volta.

— Está tudo bem, Violet — disse uma voz feminina. — Eu estou apenas verificando os seus sinais vitais.

O pavor de Violet diminuiu quando ela reconheceu a enfermeira ao lado do seu leito. Recostou-se nos travesseiros novamente e esfregou seus olhos.

— Vou verificar sua pressão arterial, certo?

Antes que Violet pudesse responder, a enfermeira posicionou o aferidor de pressão e ligou a bomba elétrica. O aperto no braço de Violet já estava ficando desconfortável quando a enfermeira liberou a pressão e fez anotações no registro. E então, passou a verificar energicamente a temperatura e o seu ritmo cardíaco.

Violet repreendeu-se silenciosamente. Já deveria estar habituada à essa rotina, considerando que uma enfermeira verificava seus sinais vitais a cada seis horas, mais ou menos. Estava sendo bem cuidada pelas enfermeiras e médicos do Brookhaven Hospital, mas isso não mudava o quanto odiou estar ali. No que lhe dizia respeito, todos os hospitais eram desagradáveis, com as suas paredes totalmente brancas, os cartazes médicos promocionais de “Pergunte ao seu médico” e as fragrâncias de fluidos corporais

infectados mesclados com o forte odor antisséptico que comprimiam os narizes.

Mas até mesmo os cheiros e o ambiente eram infinitamente mais suportáveis do que a dor permanente do que os hospitais representavam para ela — o lembrete doloroso de que sua mãe a tinha abandonado em um destes edifícios frios e solitários logo depois de ter dado à luz. Violet já desistira há muito tempo da ideia de que sua mãe um dia voltaria para reivindicá-la, mas isso não impedia a sua tristeza de ressurgir toda vez que era obrigada a entrar em um desses lugares esquecidos por Deus.

— Hmm — disse a enfermeira, escrevendo algumas observações na prancheta, na extremidade da cama de Violet. — Suas lesões estão cicatrizando muito bem, mas você ainda está apresentando uma febre baixa. Vou me certificar de que receba outra dose de Tylenol.

Violet assentiu e, pestanejando para afastar a ardência das lágrimas, engoliu o carço crescente em sua garganta.

Apesar do grande peso das emoções, ficar no hospital ainda era preferível à sua outra alternativa. Um ligeiro tremor correu pelo corpo de Violet com o pensamento de ser enviada de volta aos seus tutores.

A enfermeira fez uma careta.

— Está com frio?

Violet respondeu com um pequeno aceno. Era melhor do que explicar o verdadeiro motivo. Como poderia encarar seu “lar” agora que Lyla-Rose se foi? Lyla fora sua tábua de salvação, a fagulha na escuridão, a brisa sob suas asas quebradas. Lyla fizera com que Violet seguisse em frente, sua única amiga no mundo. E agora, também partiu.

— Vou pegar um cobertor quente para você. — A enfermeira deu-lhe um sorriso reconfortante e saiu do quarto.

Violet olhou para o padrão sem graça das placas do teto, tentando respirar através do aperto cada vez maior em seu peito.

*Morta. Lyla está morta.*

Dessa vez, nem mesmo tentou afastar as lágrimas. Desciam em cascata por suas bochechas, e ela afundou seu rosto no travesseiro. As dores e o sofrimento, que não tinham cicatrizado completamente, rugiram de volta à superfície enquanto seu corpo tremia com os soluços.

Os últimos dias foram obscuros, nublados pela dor e emaranhados em uma sequência constante de enfermeiros, médicos, assistentes sociais e oficiais da polícia. Os oficiais a questionavam sobre cada detalhe. *O que aconteceu? Quem?* Mas não importava o quanto Violet tentasse, ainda não fora capaz de se lembrar de nada — com exceção de uma imagem intensa. Uma tatuagem no pescoço, um escorpião de cristal.

Violet fechou os olhos e enterrou as pontas dos seus dedos na cabeça. *Vamos lá. Pense! Tente se lembrar.* Nada mudou. Suas memórias continuavam trancafiadas. No espaço de alguns segundos, o medo afastou sua frustração. O que havia de errado com ela? Por que não conseguia se lembrar?

Conversas fracas interromperam os pensamentos de Violet. Conforme iam aumentando, ela foi reconhecendo a voz barítono do seu médico e a voz mais suave da sua assistente social, Miranda. A julgar pelo tom do diálogo, estavam discutindo alguma coisa séria.

Violet rapidamente se aninhou em seus travesseiros e fingiu dormir enquanto os dois paravam do lado de fora da sua porta.

— Não podemos mantê-la aqui para sempre, Miranda.

— Eu sei, eu sei... Eu tinha esperanças de ter outro lar pronto para ela a essa altura mas, na sua idade, está se tornando quase impossível.

Um leve pânico começou a se agitar no peito de Violet.

— Eu entendo, mas ela está aqui há quase duas semanas, e isso é apenas porque não estamos com excesso de pacientes no momento. Ela está mais do que pronta para ter alta. Eu não dirijo um centro de reabilitação aqui.

— Você está certo. Eu entendo. E nem posso lhe agradecer o suficiente por mantê-la aqui por mais tempo do que o necessário. Só não consigo

suportar a ideia de levá-la de volta para aquelas pessoas horríveis.

— Gostaria que houvesse mais que eu pudesse fazer para ajudar. De verdade. Mas por enquanto, tudo o que eu posso oferecer é o restante da tarde. Precisa levá-la hoje.

— Obrigada, eu compreendo, de verdade. Isso deve ser tempo o bastante para fazer mais algumas ligações.

— Ótimo. Por ora, vamos deixá-la dormir. Vou garantir que uma das enfermeiras lhe entregue os formulários da alta.

Passos se distanciaram no linóleo do hospital.

Os olhos de Violet se abriram.

Hoje. Miranda estava levando-a para casa *hoje*. Suas sobrancelhas se apertaram enquanto ela analisava suas opções. Claro, não tinha nenhum outro lugar para ir, mas ela já tinha dezesseis anos. Não era mais uma criança. Podia cuidar de si mesma — pedir carona para a cidade, encontrar um emprego, passar despercebida até o serviço social esquecer-se dela. O plano não era infalível, mas não iria voltar para um orfanato, de jeito nenhum. Disso tinha certeza. Estava farta.

Ela afastou seu cobertor e estremeceu. Outra coisa da qual tinha certeza era de que precisava de alguns analgésicos para a viagem.

Alguns momentos depois, Violet estava vestida e com sua pequena bolsa de brim, repleta com os poucos pertences que Miranda recuperara para ela, pendurada em seu ombro. Enfiou a cabeça no corredor e olhou para os dois lados, antes de sair do quarto.

Ao longo dos anos, ela havia se tornado uma profissional em esgueirar-se. Ficou longe dos postos de enfermagem e saía do corredor sempre que passava alguém que pudesse reconhecê-la. Com um pouco de sorte, chegou na farmácia do hospital sem qualquer problema.

A persiana da janela de pacientes estava fechada, assim como a porta de acesso, ao lado. O farmacêutico devia estar fazendo as rondas da ala hospitalar ou saíra para almoçar. Olhando casualmente em volta para se

certificar de que ninguém estava vendo, Violet vasculhou sua bolsa e retirou alguns grampos de cabelo. Forçando um deles com os dentes, ela distorceu o metal e, então, prendeu seus arrombadores improvisados na fechadura da porta da farmácia, com uma destreza adquirida de horas de prática.

*Clique.*

*Perfeito.* Ela abriu minimamente a porta.

— Sabe — disse uma voz profunda atrás dela —, fugir do hospital é uma coisa, mas roubar medicamentos é um atalho para o reformatório.

Violet congelou. Mal tinha aberto um centímetro da porta. Próximo a ela, um homem estava encostado na parede bem ao lado da porta da farmácia — um dos policiais que a visitaram e questionaram com frequência sobre o assassinato de Lyla. Ele não estava olhando para si. Pelo contrário, inspecionava suas unhas despreocupadamente.

Ela deu uma olhadela em direção à saída do hospital, no extremo oposto do corredor.

— Eu não faria isso se fosse você — ele avisou. — Vou te derrubar e algemar antes mesmo que o sensor da porta de correr registre a sua existência.

Violet franziu as sobrancelhas. Com as costelas, coxa e tornozelo ainda não curados completamente, ele provavelmente estava certo.

— Mas uma coisa que eu *iria* fazer — ele continuou — seria considerar muito cuidadosamente quais decisões tomar de agora em diante.

Olhou-a de soslaio.

— Se você fizer algumas escolhas sensatas, é provável que eu esqueça de dizer algo à minha parceira e ao superintendente do hospital. Sem mencionar a Miranda. Ela ficaria arrasada se soubesse o que você anda aprontando. Ela ficou te elogiando o tempo inteiro.

Violet hesitou, mas a antecipação nos olhos castanho-amarelados dele avisaram-na para agir depressa, ou ele agiria. Bufando de forma infantil, ela removeu os grampos de cabelo da fechadura e soltou a porta, que se fechou



lentamente em um chiado pneumático. Toda sua adrenalina se esgotara, deixando apenas a vergonha. O policial provavelmente a delataria, de qualquer maneira, e Miranda iria matá-la.

— Por aqui, menina — disse o policial.

Ele se dirigiu ao fim do corredor, na direção contrária à porta do hospital. Violet lançou um olhar pesaroso àquela saída para a liberdade. Ainda podia fugir; o policial nem se incomodou em verificar se ela estava mesmo seguindo-o.

Encolheu-se. *A quem estou querendo enganar?*

Com um suspiro derrotado, Violet se arrastou atrás do policial, porém, depois de alguns passos, começou a estranhar. Ele não estava guiando-a de volta ao quarto. Ao invés disso, passou por uma porta de vidro e a segurou aberta para si.

— Esse não é o meu quarto.

— Eu sei — foi tudo o que ele falou, quando fez um gesto para ela passar.

O mundo em que acabara de entrar era um contraste completo com o hospital esterilizado: os jardins botânicos da instituição. Árvores erguiam-se, muito acima. Ao invés de paredes totalmente brancas, cada tom de verde imaginável descia e subia em todas as direções, somente rompido por uma vasta gama de flores resplandcentes. A água escorria sonoramente por uma parede de matéria rochosa junto à porta e uma brisa delicada, carregada com os aromas da terra enriquecida e florida, afugentava o cheiro de antisséptico.

Outros pacientes encontravam-se vagando pelo caminho trançado ou sentados nos bancos disponíveis. Uma enfermeira empurrava a cadeira de rodas de uma senhora idosa, mas parou para permitir que sua paciente alisasse uma flor mais baixa com a mão enrugada.

— O que estamos fazendo aqui? — Violet perguntou.

— Lembrando por alguns minutos que a vida nem sempre é uma droga.

Ele avançou alguns passos pela trilha e acomodou-se em um banco com vista para o pequeno lago, que era alimentado por uma cachoeira artificial.

Violet franziu as sobrancelhas. Qual era o problema desse cara? Tinha acabado de apanhá-la tentando roubar drogas e, em vez de se gabar, queria relaxar na natureza?

Depois de alguns instantes, Violet se aproximou e atirou-se na extremidade oposta do banco. Espiou-o pelo canto dos olhos. Ele estava com os olhos fechados e seu rosto estava inclinado para cima, captando porções de luz solar que pontilhavam através das folhas. Imaginava que ele talvez tivesse quarenta e poucos anos, julgando por alguns fios prateados em seu cabelo escuro e a barba grisalha, ainda por fazer, ao longo da mandíbula quadrada. As rugas em torno de sua testa, olhos e boca o deixavam com um ar de estou-prestes-a-chutar-sua-bunda, e sua altura imponente e corpo musculoso só aumentavam sua margem de intimidação.

Ainda assim, Violet não se sentiu assustada ao lado dele da maneira que tinha se sentido com os policiais anteriores — os quais gostavam de usar seus distintivos e músculos para atormentar os criminosos da tão chamada justiça. Sentia algo tranquilizador nele.

— Então, menina, quer me contar por que estava tentando fugir?

Violet segurou nas pontas das mangas de seu suéter, fitando a carpa laranja que deslizava vagarosamente pela água.

— Eu não estava tentando fugir.

— É mesmo? Então do que você chamaria isso?

Ela dobrou as pernas no assento e abraçou os próprios joelhos.

— Eu estava...

Passaram-se alguns instantes silenciosos. Ela não conseguiu terminar a frase. Não havia razão. O policial devia estar ensaiando mentalmente o seu discurso, incluindo ameaças de usar seu taser para fazê-la voltar aos terríveis tutores. Porque era a coisa certa a se fazer. Porque ela não tinha idade suficiente para tomar conta de si mesma. Blá-blá-blá...

Em vez disso, ele abriu o zíper do casaco até a metade, encontrou e puxou um pacote de papel branco. Abriu-o e o segurou na sua frente, revelando algum tipo de doce no formato de discos pretos. Ela pegou um. Ele pegou outro e o jogou na boca antes de colocar o saco de volta no casaco.

Violet inspecionou os dois lados do disco. Um lado era liso, enquanto o outro tinha uma imitação em relevo de algum tipo de moeda europeia. Com um pequeno dar de ombros, Violet colocou o disco em sua boca. Imediatamente, sua língua quis se suicidar. Seu rosto inteiro se distorceu, enquanto os sabores intensos do sal e do alcaçuz revestiam sua boca.

— Mas o q...? — ela exclamou, pouco antes de cuspir, involuntariamente, a gosma elástica no jardim atrás de si.

Gorjeou sons contínuos de nojo, à medida que tentava eliminar o sabor persistente. Quando isso não funcionou, ela esfregou a língua em sua manga.

— Que desperdício — falou o policial.

Sua expressão detinha uma pitada de diversão.

— O que é essa coisa?

— Nesta parte do mundo, é chamado de alcaçuz holandês.

Todo o rosto de Violet se contraiu, em repulsa.

— Eca! Lembre-me de nunca mais colocar um desses na minha boca.

O contentamento dele transbordou em um sorriso.

— Ora, vamos. Não é tão ruim assim.

— Está de brincadeira? Eu prefiro lambar a estrada! *Que nojo!*

Ele gargalhou, uma ressonância grave do fundo de seu peito.

— Violet, aí está você!

Violet voltou-se para Miranda, que irrompeu pela porta a alguns metros de distância. Seu rosto estava calmo, mas os olhos estavam em chamas. *Epa, ela está furiosa.*

— O que significa isso? — exigiu Miranda. — Por favor, não me diga que estava tentando fugir *de novo*? Acha mesmo que viver nas ruas é uma alternativa melhor? Já é ruim o bastante que aquela garota tenha morrido, e agora você...

— Está tudo bem — outra voz a interrompeu. Outra policial que Violet reconhecia, uma mulher de meia-idade, apareceu por trás de Miranda e tocou seu ombro. — Nós a encontramos.

Violet se enroscou em uma bola e abraçou as pernas novamente. Seus olhos pinicaram com novas lágrimas.

— Vamos, Miranda — disse a policial, conduzindo-a para longe de Violet. — Que tal termos uma conversa? Nathan, importa-se?

— Já volto, menina. — Ele afagou seu ombro e foi se reunir com as duas mulheres.

Eles se amontoaram a poucos metros de distância, perto o suficiente para que conseguissem manter os olhos em Violet — e perto o bastante para que ela ainda pudesse ouvir a conversa, apesar do tom abafado.

— Me desculpe, Jude — disse Miranda.

— Não precisa se desculpar comigo.

— Eu sei. Eu só estou... não sei o que fazer. Entendo porque ela está fugindo. De verdade. Eu faria a mesma coisa, em seu lugar. Estou fazendo ligações há dias para tentar achar um novo lar para ela, mas até mesmo os meus abrigos de emergência estão além da capacidade. Eu só...

Ela baixou a cabeça nas mãos e deu um gemido contido de frustração.

— Eu entendo você, Miranda — falou Jude. — Também não gosto da ideia de levá-la de volta para aquelas pessoas. Raios, se eu já não estivesse criando duas filhas sozinha, ofereceria a ela uma cama num piscar de olhos.

— Obrigada, você é muito gentil. E você também, Nathan. Obrigada por se certificar de que ela não fosse embora. Não sei o que eu faria se ela tivesse desaparecido novamente.

— Ela pode ficar aqui por mais uma noite? — Nathan perguntou.

Miranda meneou a cabeça.

— Já tentei isso. Violet já permaneceu além do permitido. Tenho que levá-la hoje e o máximo que posso oferecer no momento é um orfanato, nos limites da cidade; pelo menos, até que eu possa encontrar uma casa disposta a assumir uma adolescente de dezesseis anos. Se ao menos ela fosse dez anos mais jovem.

Violet apoiou a cabeça em seus joelhos.

— Bem, por acaso eu tenho um quarto de hóspedes que não está sendo usado — disse Nathan.

— Oh, meu Deus! Você faria? — exclamou Miranda.

— Olhe, não sei se é apropriado um policial acolhê-la ou não, mas...

— Não se preocupe — interrompeu-o Miranda. — Deixe comigo. Vai ser apenas temporário. Eu prometo.

— Nathan, tem certeza? — perguntou Jude. — Não é como acolher um filhotinho, sabe.

— Sim, eu sei. Mas a garota passou por maus bocados. Ao menos posso oferecer a ela uma cama por alguns dias. Além disso, você pode me dar algumas dicas, não é, Jude?

Jude caçoou.

— Ainda não experimentei as mudanças de humor adolescente. Deve ser um daqueles casos de cego guiando outro cego.

— E qual é a novidade?

— Ótimo, está resolvido.

Miranda sacudiu uma relação de formulários que precisava preparar, antes de levar Violet para a casa de Nathan.

— Ei, Violet — chamou Jude.

Violet levantou sua cabeça e encontrou Jude fitando-a, Nathan ao seu lado. Miranda já estava fazendo uma ligação, por trás dos dois.

— Faremos alguns arranjos temporários para você ficar no quarto extra de Nathan até que possamos encontrar acomodações melhores. — Jude

inclinou a cabeça para Nathan. — Acha que pode lidar com esse cara por alguns dias?

Violet mordeu o interior de sua bochecha. A ideia de ficar com um policial era um conceito estranho. Mas que outra opção tinha? Até onde sabia sobre policiais, ele não era tão ruim. Certamente não precisava lhe dar uma chance, depois de pegá-la arrombando a farmácia e não a ter delatado. Ainda. De fato, a pior coisa que ele tinha feito até agora fora agredir suas papilas gustativas com aquele disco com sabor de alcatrão.

— Sim — ela disse, dando a eles um aceno demorado —, acho que posso lidar com isso.



**You've Just Finished your Free Sample**

**Enjoyed the preview?**

**Buy: <http://www.ebooks2go.com>**